
NOTAS E COMENTÁRIOS

Persp. Teol. 21 (1989) 221-226

POR UMA TEOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

Algumas reflexões sobre o texto-base
da Campanha da Fraternidade 1989

Francisco Catão

"Comunicação para a Verdade e a Paz" foi o lema da Campanha da Fraternidade (CF) este ano. Em preparação à celebração do mistério da Páscoa, as comunidades cristãs, por esse Brasil afora, refletiram sobre o papel dos meios de comunicação, na sociedade de hoje e na própria Igreja, buscando contribuir, cada um a seu modo, para que os mídia se tornem, de fato, instrumento de fraternidade, em lugar de estarem unicamente a serviço dos interesses de alguns ou da dominação dos poderosos.

Para provocar a "reflexão e a ação das comunidades na área da comunicação" (TB 11) a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil publicou o *Texto-Base* (TB) em que, a partir da realidade dos fatos (Ver), oferecem-se critérios de avaliação (Julgar) e orientações para a ação (Agir) (TB 12-14). Como instrumento de comunicação o próprio TB segue uma determinada linha teológica, mas padece de certas ambigüidades, que acabam por prejudicar o vigor da mensagem que pretende transmitir.

Acreditamos poder contribuir, com as reflexões que se seguem, para frisar as articulações essenciais da linha teológica adotada e prestar assim um serviço às comunidades que buscam transformar, à luz da Palavra de Deus, a realidade da comunicação, na Igreja e na Sociedade.

1. Comunhão e comunicação

É preciso antes de tudo distinguir esses dois aspectos, justamente porque se encontram intimamente entrelaçados na realidade.

A *comunhão* é a participação no mesmo bem. Tem um significado teológico profundo na linguagem no Novo Testamento, pois constitui a participação nos bens divinos, na salvação oferecida por Deus a todos os homens. O desígnio de Deus é que participemos todos da comunhão que Ele mesmo é, pois Deus é amor, comunhão do Pai com o Filho no Espírito Santo.

A *comunicação* é o ato ou o efeito de transmitir e receber mensagens. Supõe produção, emissão e recepção de mensagens e, por conse-

guinte, uso de uma linguagem comum, que permita à mensagem chegar corretamente ao receptor e provocar uma resposta adequada, em que se completa a comunicação (TB 15).

A comunicação, pois, não é comunhão, mas está toda voltada para ela: É instrumento da comunhão. É a comunhão que lhe dá, em última análise, sentido e na qual encontra seu critério primordial de avaliação. A comunicação vale na medida em que significa e causa a comunhão. Só há verdadeira comunicação quando feita em função da aproximação e da comunhão entre os homens. Do ponto de vista cristão, a comunhão significada e causada pela comunicação é a via de acesso à comunhão de todos os homens entre si e com Deus, que é a salvação.

2. A teologia da comunhão

Entendida como sinal e instrumento da comunhão, a comunicação precisa ser pensada teologicamente a partir da comunhão. O que é a comunhão?

Teologicamente a comunhão é diretamente atribuída ao Espírito Santo, pois o Espírito é precisamente este "ar" que brota da relação entre o Pai e o Filho e que "se respira" em Deus, a ponto de se dizer que Deus é Espírito, não tanto por oposição à matéria, que os anjos também o são e o homem a seu modo, mas pelo "clima" que reina entre as pessoas divinas, que em Deus é o seu próprio ser. É a mesma coisa dizer que Deus é Espírito ou dizer que Deus é amor!

A grande carência do TB é justamente deixar velada essa referência fundamental ao Espírito, que constitui o lugar teológico da reflexão sobre a comunicação. Pentecostes é mencionado como uma etapa (TB 92), quando deveria ser o foco da reflexão teológica sobre a comunicação, através do mistério da comunhão.

Obedecendo à inércia habitual da teologia católica ocidental, especialmente nos últimos séculos, o TB coloca no centro Jesus Cristo, qualificando-o de "perfeito Comunicador" (sic), pelo fato de que n'Ele o Verbo "assumiu a condição humana" (TB 83). Ora, basta ler os parágrafos subseqüentes para ver que Jesus é o modelo do comunicador justamente porque *agiu* em função da comunhão dos homens entre si e com Deus, adotando como "código de comunicação" a linguagem universal do pobre, espelho da realidade mais profunda da condição do homem-no-mundo (TB 85-89).

Em boa teologia, *o agir de Jesus* é diretamente atribuído ao Espírito, como sugerem, aliás, cada um dos passos decisivos do Evangelho. A própria Encarnação é fruto do Espírito, enquanto Maria dela participa, dizendo sim à proposta do anjo. Em outras palavras, Jesus não é "perfeito Comunicador" porque realiza hipostaticamente a comunica-

ção (sentido equívoco) entre as naturezas humana e divina, pois essa comunicação das naturezas nada tem a ver com a comunicação sobre a qual refletimos na CF! Jesus age como perfeito Comunicador, isto sim, porque age no Espírito de comunhão, valorizando o outro (TB 86), respeitando-lhe a liberdade (TB 87), comunicando-se com todos, especialmente com os pobres (TB 85) e com os pequeninos (TB 88), dando enfim a sua própria vida por amor (TB 89), para a comunhão em Deus de tudo e de todos, preconizada em Pentecostes (TB 92).

3. A teologia da comunicação

Situando na comunhão e, portanto, no Espírito, o foco da reflexão teológica sobre a comunicação, compreendemos melhor sua significação e os critérios éticos a que está sujeita. Quando a comunicação se faz por meios, em função de objetivos ou com finalidades que contrariam a comunhão, torna-se uma ação perniciosa em relação à construção da sociedade e à edificação da Igreja.

O significado da comunicação é a fraternidade. A mensagem adequadamente comunicada harmoniza os espíritos, leva à partilha dos bens culturais e até materiais, visada pelo próprio Criador, que os destina a todos os homens. Nada mais oportuno, na Quaresma, do que refletir sobre esta relação entre comunicação e fraternidade. A Quaresma, desde as suas origens, se caracteriza na Igreja como um tempo de oração, de jejum e de esmola, isto, é celebração, parcimônia e partilha, como expressões da conversão.

A comunicação é celebração, enquanto se faz chegar aos homens a boa nova da salvação, realizada por Jesus Cristo e concretizada na comunhão dos fiéis, antecipação da comunhão em Deus. Mas a comunicação é também esmola, enquanto compartilhamos a informação, o saber, a expressão da beleza na arte, na poesia, na música, na dança, no espetáculo, para que o mundo em que vivemos seja cada vez mais humano e mais fraterno.

Infelizmente o que constatamos é que hoje em dia, uma quantidade enorme e sofisticadíssima de meios de comunicação são postos a serviço dos interesses de poucos, numa propaganda desenfreada, que alimenta muito mais o egoísmo, a agressividade e a vaidade do que a fraternidade. Pior ainda, governo e poderosos utilizam os meios de comunicação, que deveriam ser de todos e se tornar expressão da vida social, inclusive de suas dificuldades e de suas lutas, para os converterem em instrumentos de manipulação e de opressão, na base do aliciamento e da mentira!

Diante dessa realidade, que fazer como cristãos? Desconhecê-la ou rejeitá-la seria abandonar a luta, ser infiel ao próprio projeto de

Deus, que é de reunir todos os homens na comunhão de sua própria vida. A teologia, que se constrói aqui como uma ética, pois está de fato refletindo sobre os princípios do agir, compete apontar as articulações básicas do agir cristão em face dos meios de comunicação.

Em primeiro lugar o cristão deve procurar manter atenta e desenvolver a consciência crítica, negando pura e simplesmente audiência, leitura ou resposta, a toda comunicação que fere frontalmente a fraternidade, pratica a injustiça ou ignora a caridade, provocando o egoísmo, o consumismo, a violência ou a sensualidade. É preciso, por exemplo, ter a coragem de praticar o jejum da televisão, do rádio ou da publicação que agride a fraternidade. Se todos boicotássemos as falsas mensagens que nos procuram alcançar até mesmo em casa, os emissores acabariam mudando-as, pois o que mendigam de fato é a nossa atenção, a nossa audiência. Todos os cristãos podemos e devemos participar dessa campanha do não, do boicote às falsas mensagens. Esse aspecto talvez não tenha sido bastante enfatizado no TB. Mas é muito importante, sobretudo se consideramos que deve ser completado por campanhas de apoio efetivo aos programas que promovem a fraternidade, quaisquer que sejam seus autores, atores, produtores ou emissores.

Além disso, muitos dentre nós, cristãos militantes, temos ocasião de dar uma contribuição positiva à comunicação em vista da fraternidade, profissional ou generosamente, participando de movimentos de luta, eventos e campanhas que tragam à consciência da comunidade as injustiças, a violência e as necessidades que pesam sobre tantos homens, mulheres e crianças, marginalizados e doentes, que precisam de nossa voz e de nosso gesto, para serem reconhecidas. O cristão tem obrigação de se servir dos meios ao seu alcance para ser profeta em seu meio, anunciando a boa nova da salvação e denunciando o pecado, contribuindo, em ambos os casos, para um mundo melhor.

Finalmente, a comunicação é um bem, como instrumento da fraternidade. Somos chamados a praticá-la e a estimulá-la, não só na sociedade, como entre nós, nas comunidades, na Igreja, pondo em comum os nossos dons, a informação, que precisa circular, para que a comunhão no espírito de Deus e de Jesus Cristo se antecipe na Igreja, chamada a viver num só coração e numa só alma.

4. A ética da comunicação

Do ponto de vista cristão, toda ética da comunicação é comandada pela perspectiva da comunhão, que encontra sua realização final na comunhão de todos os homens em Deus e com Deus, no Espírito, na caridade. Mas o TB, em continuidade aliás com o ensino corrente da moral cristã, busca uma espécie de ética independente da comunicação,

a partir de dados inerentes à natureza humana, como se fossem "anteriores" à perspectiva cristã.

O cristão reflete, sem dúvida, a partir da Palavra de Deus, da Revelação, como se diz em teologia. Mas a Revelação é manifestação do que o homem de fato é, na sua história. Não significa que o cristão deva impor a aceitação da Revelação ou que, sem ela, a História não tenha sentido. Seria tornar a fé, que por natureza é gratuita, voluntária, livre, uma exigência. Significa apenas que no diálogo com os seus contemporâneos, os cristãos devem contar com as evidências de que dispõem todos os homens, a partir de suas experiências, no mundo em que vivemos todos. A fé não vem senão acentuar essas evidências, permitir que se veja melhor o alcance de certas experiências e que se interprete adequadamente a história. A fé é um grande elemento que ajuda a ver e a julgar melhor a experiência concreta, especialmente nas zonas incertas do comportamento, corroborando e sustentando a ação em vista da fraternidade.

Falando em continuidade com a experiência humana, podemos reunir alguns elementos para construir uma ética da comunicação, válida não somente para os que temos fé, mas que se apresenta como uma exigência a ser respeitada por todos, no universo da comunicação. É claro hoje que o homem, todos os homens, mulheres e crianças, especialmente os pobres e os oprimidos são marginalizados e violentados pelos mídia, que estão na mão dos detentores do poder econômico e político. Seria vão, no caso, o simples apelo à fraternidade. Para promovê-la, não basta pregá-la: É indispensável lutar. A ética da comunicação é o roteiro dessa luta, em que a própria fé cristã na fraternidade nos compele a tomar parte.

Como toda luta, a humanização dos meios de comunicação social tem duas etapas fundamentais: A conquista do espaço num contexto hostil, que no caso é o contexto atual dos mídia, em que predominam as pseudo-mensagens, e a institucionalização, com base no respeito cada vez maior aos direitos da pessoa e às obrigações socialmente reconhecidas por todos os comunicadores, de acordo com um "código de ética" estabelecido e respeitado por consenso. Desta luta, o TB nos oferece um magnífico painel.

Porém, mais importante ainda do que a luta, é o espírito em que ela se desenrola, sobretudo tratando-se de comunicação: Só alcançaremos os objetivos de nossa luta, na medida em que gerarmos, produzirmos e desenvolvermos uma comunicação realmente inspirada no espírito de fraternidade e de comunhão. Animados pelo Espírito e agindo no Espírito, deveríamos, os cristãos, ser capazes de transformar o "clima" dos mídia. Em continuidade com o comportamento do "perfeito Comunicador" somos chamados, mais do que a ensinar, a praticar

uma ética da comunicação, criando instrumentos e meios de comunicação em que todos se sintam à vontade para exprimir seus sentimentos, necessidades e aspirações, a fim de que a grande comunidade humana possa se encontrar nos meios postos a serviço do povo pelos cristãos. Talvez seja esta a exigência ética que mais fortemente pesa sobre os meios de comunicação de que dispõe a Igreja. Precisamos enfatizá-lo.

Francisco Catão é doutor em Teologia ("Docteur d'État") pela Universidade de Strasbourg (França) com uma tese sobre a redenção, *Salut et Rédemption* (Aubier, 1965). De 1955 a 1967 lecionou Teologia Sistemática na Escola Dominicana de Teologia, em São Paulo. Durante seu exílio na Europa trabalhou em projetos industriais para países do Terceiro Mundo, África e América Latina. Ultimamente orientou um curso de Teologia e Economia na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Assessorou teologicamente diversas atividades pastorais da antiga região episcopal de Campo Limpo, na Grande São Paulo. Atualmente é encarregado do planejamento industrial do grupo Gurgel, sendo diretor da Gurgel Tec.

Endereço: Rua Barão de Melgaço, 106/64 – 05684 São Paulo – SP